

## Termina o festival de Mar del Plata; vence fita italiana, 3 abr. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial

*O Estado de S.Paulo*, 3 abr. 1962

MAR DEL PLATA, 2 – *I Giorni Contati* de Elio Petri, da Itália recebeu o prêmio para o melhor filme, no IV Festival Internacional de Mar del Plata. François Truffaut, por *Jules et Jim* pela melhor direção. A russa Nadezhda Rumantseva classificou-se como a melhor intérprete feminina pela sua atuação em *Mulheres* de Tchuliukin e Paul Newman, como o melhor intérprete masculino por *The Hustler* de Robert Rossen. *O canivete*, de Leszek Lorek, da Polônia recebeu prêmio pela melhor curta-metragem, enquanto *Cerca de las estrellas* filme espanhol de César Ardavin foi classificado como a melhor película em língua hispânica.

### O melhor filme

No que toca à premiação do filme de Petri, a comissão julgadora agiu com inteira justiça, *I Giorni Contati* sem ser uma obra-prima foi realmente a única película do festival que fugiu ao estéril exercício cinematográfico ou à produção comercial rotineira, marca registrada de mais de cinquenta por cento dos filmes vistos em Mar del Plata. Exibido no penúltimo dia da mostra, o filme ocupa-se com uma temática que de certa maneira se vincula ao humanismo dos realizadores neorrealistas, mais precisamente daquela fase de reexame crítico do início da década de 50, com *Umberto D*, *Roma*, *Ore 11* e tantas outras que, abandonando parcialmente os caminhos verísticos iniciais, derivaram para um realismo cujo sentido poético jamais se desvinculou de um compromisso social. Iniciando sua carreira como crítico, militante político de primeira hora, Elio Petri começou como colaborador de Giuseppe Amato em *Mulheres proibidas*, e depois em *Dias de amor*, *Homens e lobo*, *La Strada Lunga un Anno*, de Giuseppe de Santis, *Un Ettaro di Cielo*, de Casadio, *L'Impiegato de Puccini*, *Il Gobbo*, de Luzani, nesta última como argumentista. Iniciou-se na direção fazendo curtas-metragens. Em seguida escreveu e dirigiu *L'Assassino*, seu primeiro êxito de longa-metragem.

Durante os trabalhos neste filme, Petri descobriu Salvo Rondone, para o qual escreveu *I Giorni Contati*. A fita conta a história de um homem comum, de 53 anos de idade, que presencia casualmente a morte natural de um desconhecido, num bonde. O fato repercute intensamente em seu espírito. Percebe que está no ocaso da vida.

Decide então aproveitar “os dias contados” que lhe restam, tentando desligar-se da rotina em que até então viveu. Mas a busca da liberdade revelar-se-á infrutífera. O tempo e as experiências são irrecuperáveis. Esmagado pela sua solidão, decide retomar a vida abandonada. Quem é Cesare, este ancião jovem? Fora de qualquer implicação psicológica deduzível pelo espectador, Cesare é antes de tudo a representação da existência humana esvaziada de significação. A impossibilidade de encontrá-la e a própria incomunicabilidade característica de nossa época.

Relacionando-se explicavelmente com a temática de outros autores italianos, Petri entretanto repudia uma abordagem cerebralista do problema, embora não deseje polemizar, não aponta soluções nem fórmulas. Com os pés na terra e com o coração no visor da câmara, ele segue Cesare como se documentasse os seus movimentos, dando-lhe um toque de personagem trágico, sem prejudicar, através de ornamentos e desvios formalísticos, o alcance e a profundidade de sua verificação, desesperadamente simples.

Admiramos em Petri justamente esse despojamento de Cesare. Nada é rebuscado. O personagem desenvolve-se por si mesmo. Sua “via crucis” nasce, desenvolve-se, atinge um clímax e fenece, sem que em nenhum momento o dirigente da orquestra tenha tentado sair da pauta. Quem expõe o problema não pretende dizer nada mais além do problema.

O ator Salvo Rondone tem em Cesare uma encarnação talvez única no cinema atual. Sua máscara (não sabemos se é profissional ou não) comunica todas as nuances da experiência que passa com tal sobriedade, que dificilmente se pode colocá-lo em termos de comparação com os conceitos de interpretação cinematográfica vigentes usando uma força de expressão, diríamos que ele é um antiator, fisicamente falando. Petri escolheu-o talvez justamente por isso: para não transcender o papel, para anular-se sem ser anulado nem anular nenhum elemento do filme.

## Outros prêmios

O júri preferiu premiar Paul Newman. A interpretação do ator norte-americano é realmente digna de elogios. Eddie Felson talvez seja o seu melhor papel até agora no cinema, embora Jackie Gleason, no mesmo filme, o supere em diversos momentos como presença interpretativa. A nosso ver, entretanto, Rondone merecia o prêmio pelas razões expostas. Acreditamos ter sido também justo o prêmio para Nadeshha Rumantseva.

Houve quem optasse por Piper Laurie, uma surpresa em *The Hustler*. A atriz russa beneficiou-se, entretanto, de um papel mais empenhativo, em que teve oportunidade de mostrar todos os seus dotes artísticos.

Merecido foi o prêmio especial outorgado pelo júri à fita checoslovaca *Os tormentos de Lenka*, de Karel Kachyna, pelo conjunto de suas qualidades de forma, direção e fotografia. Acrescentaríamos um atributo de “autenticidade poética” pois do contrário poder-se-á deduzir que o filme é apenas uma obra bem costurada, quando na verdade se trata de um documento humano ponderável.

## Truffaut

Embora repudie *Jules et Jim* como posição ideológica diante dos problemas da realidade objetiva, aplaudimos o galardão outorgado a Truffaut. Seu artesanato, na verdade, foi o de melhor quilate apresentado no festival, durante o qual campeonou a falta de inspiração e de ousadia haja vista a pirotécnica do filme de Robert Rossen; quem gosta de sair do cinema com a pulga atrás da orelha gostará de *Jules et Jim*. Nós preferimos as pulgas na cama.

O único momento de mal-estar durante a outorga dos prêmios verificou-se quando foi citada a fita de Ardavin, *Cerca de las estrellas*. Embora contivesse algumas qualidades, em se considerando a mediocridade da produção franquista, vivamente exemplificada em *Tierra de todos* de Isasi Isasmendi, o público simpatizou com *Yanco* do mexicano Servando Gonzalez, fita que, se não tivesse sido concebida com certo gosto poético vulgar, tiraria provavelmente um dos principais prêmios.

*Yanco* foi a fita mais aplaudida do festival e confessamos termo-nos apaixonado por alguns aspectos da vida asteca mostrados na fita com um primitivismo algo procurado. O filme quase não tem diálogos e conta a história de um menino e de seu violino, em meio aos costumes dos camponeses de descendência marcadamente indígena. O calor que poderia ter emanado deste primitivismo foi prejudicado por uma fotografia excessivamente preciosa de Alex Phillips e pela concepção adjetivante. A representação mexicana foi, além disso, prejudicada pela exibição de *Los Hermanos de Hierro*, dramalhão inqualificável de Ismael Rodrigues.

## Júri da crítica

O júri da crítica, por sua vez, integrado por Aristarco, Chiaretti, Escudero, Chardere, Knight, Monegal, Valentie, Mathieu, Schoo e di Nubila, entendeu não conceder prêmios por falta de valores absolutos. Nos filmes vistos (com exceção da fita italiana premiada) concordamos inteiramente com a decisão, o júri deu uma menção honrosa ao jovem diretor argentino Rodolpho Khun, autor de *Los juvenes viejos* pela sua “sincera atenção quanto ao estado de espírito de um setor da nova geração de seu país e pelos problemas da linguagem cinematográfica”.

A respeito de Khun e de seu cinema, pretendemos analisá-lo em outras oportunidades diante da significação que este grupo de jovens diretores representa no renovamento do cinema platino. “Pelo estilo e imaginação” foi também mencionada a curta-metragem italiana *La Lunga Calza Verde*, pequena obra-prima de Roberto Gavioli com roteiro de Zavattini. Como se vê, foram excluídos da premiação o Brasil, a Inglaterra, a Alemanha, o Japão e a Hungria. Na verdade, com exceção da fita de Zoltan Fabri, *Uma partida no inferno*, os países restantes mandaram películas que oscilaram entre o suportável (Inglaterra, Brasil) e o medíocre (Alemanha, com duas fitas e Japão).

Entre as curtas-metragens, em nível geralmente superior às longas, cremos que foi esquecido o checoslovaco *A Paixão* de Jiri Trnka. Mas o diabólico *Canivete* polonês mereceu o prêmio.

HERZOG, Vladimir. “Termina o festival de Mar del Plata; vence fita italiana”. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 3 abr. 1962.